

JOSÉ LUÍS COSTA

A Brisa e a Rapariga

[Entrou] uma brisa espera
[Que] do nome não se livra
Voou [semanas] a fio,
A sua obra era urgente.

Quando [a brisa] viu por terra
[Os] rascunhos dos [s]eus versos,
Vorazes, altriciais,
Cerca de mil e quinhentos;

No meio de tanta obra,
Ali estava escancarado
[O] centro da trave mestra,

[O] lado do sol nascente.
E acho que até chorou
Do outro lado da trave

A Rapariga e a Brisa

*A rapariga a chamara.
Os nomes todos lhe servem.
Veio desalterá-la,
Beijar-lhe os belos joelhos.*

*Sem que ela se apercebesse,
Tanta cegueira a tomara.
(Tudo tão pó lhe parecia)
E decidira findar.*

*Tão distraída a visita,
Na banheira se deitou,
Fez conforme planeara.*

*Quando a brisa se deu conta,
Beijou-lhe os belos joelhos
E foi-se por onde entrara.*

-Poesia, um dia (2012-2017), 2015

*(A brisa e a rapariga é uma colagem com versos do
Romance de uma Andorinha Azarada, de Ilda Ribeiro
Pires, só muito ligeiramente adaptados entre os
parênteses rectos.)*